



Nietzsche e a auto-superação da moral

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e a auto-superação da moral**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2009. (Nietzsche em Perspectiva).

Alailson de Oliveiras

Aluno do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: ala_machina@hotmail.com

Paschoal inicia seu livro propondo a seguinte reflexão: a crítica à moral não pode se limitar à constatação, por exemplo, de que ela é contraditória em sua própria ação aos princípios e normas que postula, em especial ao buscar tornar-se dominante sobre outras morais, o que faz por meio de recursos e estratégias que ela mesma condena. Isso porque, como tudo o que existe no mundo entendido como vontade de poder, as morais surgem como parte de estratégias de domínio e de afirmação de determinados tipos de homem com a subsequente negação daquilo que é diferente deles.

Ora, segundo o autor, o início da crítica à moral consiste justamente no fato de ela, em muitos casos, buscar ocultar a sua propensão ao poder, como faz a moral socrático-platônico-cristã, designada por Nietzsche também como “moral da compaixão”, que parece avessa a toda forma de conflito, como se pode deduzir também por sua designação como “moral do rebanho”.

A partir de tal pressuposto fica claro, desde o início da obra, que

Paschoal não considera a filosofia de Nietzsche como avessa a *toda forma* de moral, mas como crítica a *uma determinada* forma de moral que parece desconsiderar a totalidade e a complexidade do homem, o que deve incluir seu caráter conflitante e também o seu próprio papel como parte da estratégia de afirmação de um determinado tipo de homem que, conquanto pareça avesso ao conflito, tem por objetivo impor-se sobre os demais.

Paschoal pontua quatro estratégias da moral da compaixão para escamotear o jogo de poder que a direciona. São elas:

1. o ocultamento dos interesses de sua vontade e da violência que a legitimou a obter a supremacia sobre as demais morais;
2. a apresentação de seus valores como absolutos e puros, negando que eles tenham surgido de interesses próprios a este mundo, mas que teriam sua origem em um mundo transcendente e teriam valor para além das relações imediatas entre os homens;
3. a instituição de uma metafísica que respalde os valores produzidos por ela, associando-os a verdades absolutas legitimadas ora por vontade divina, ora pela natureza, ora pela razão;
4. a criação de um modelo de “homem bom” que se enquadra nos valores por ela instituídos e que reconhece as categorias de causa e efeito que sustentam a racionalidade necessária àquela metafísica.

Mesmo tais constatações, contudo, não são suficientes para justificar a crítica a *uma determinada* moral, pois, tomados como estratégia, esses procedimentos também fazem parte do mundo entendido como vontade de poder. Assim, Paschoal afirma que uma crítica a esta moral deve ir além dessas constatações, chamando a atenção não para os meios de que ela lança mão, mas para os frutos que tal moral oferece: o homem “bom” dessa moral é, segundo análise do autor, um homem “doméstico”, “manso” e, em última instância, “doente”. Tal crítica, no entanto, não significa negá-la simplesmente, mas levá-la às suas últimas consequências, ou seja, à sua autossuperação.

Paschoal abre a primeira parte de seu livro destacando a importância que o tema da vontade de poder possui na filosofia de Nietzsche. No entanto,

o autor alerta que Nietzsche apresenta sua “doutrina”¹ de vontade de poder como uma perspectiva e não como um sistema que explicaria a realidade a partir de encadeamentos lógicos ou fundamentos metafísicos. Como uma perspectiva, a interpretação do filósofo alemão sobre o mundo não encerra uma verdade definitiva, ela é antes o resultado de um determinado ajuste, feito a partir de certos interesses. Sua diferença, no caso, com outras interpretações, é que Nietzsche reconhece a sua como uma perspectiva que se coloca diante das outras sem que ela mesma ou as demais possam arrogar para si um valor de verdade em si.

Se Nietzsche reconhece o caráter perspectivo da própria interpretação é porque, para ele, uma interpretação sobre o mundo com valor universal e perene, como pretende a concepção mecanicista, por exemplo, constitui um equívoco oriundo da tentativa do homem de reduzir a realidade ao seu entendimento, a algo “*intuível e calculável*” (KSA 11, p. 463, grifo do autor). Diferentemente de algo que poderia ser medido e calculado, Nietzsche entende o mundo como sendo um “turbilhão de forças” (ABM, 13), as quais não possuem uma existência em si, algo que se manteria para além do seu atuar.

Segundo Paschoal, a despeito do caráter mordaz que se observa na filosofia de Nietzsche, este não propõe uma negação sistemática da tradição filosófica, visto que a própria pluralidade das filosofias anteriores à sua confirmam a sua tese do perspectivismo. Assim, como ocorre com as anteriores, também Nietzsche constrói uma perspectiva abrangente que se apresenta com o mesmo impulso tirânico de domínio que as demais. O que a sua perspectiva sabe e que as outras parecem desconhecer é o próprio caráter provisório, de algo que se constitui num jogo de interesses. No entanto, Paschoal adverte que, se uma interpretação não é uma apreensão objetiva da realidade, ela também não pode ser tomada como subjetiva ou relativista, no sentido de que se teriam tantas interpretações quanto intérpretes e que nenhuma poderia pretender ser mais acertada do que as demais, uma vez que não haveria uma verdade factual a ser ponderada na avaliação das diferentes perspectivas. Uma perspectiva é uma interpretação abrangente, como se tem, por exemplo, com a interpretação cristã do

¹ Embora o autor utilize o termo “doutrina”, acompanhando, assim, a tese de Wolfgang Müller-Lauter (Cf.: Nietzsche's Lehre vom Willen zur Macht. *Nietzsche-Studien*, v. 3, p. 1-60, 1974), Paschoal deixa clara sua preferência pela ideia de que em Nietzsche a vontade de poder constitui uma *perspectiva*.

mundo, e um critério que pode diferenciá-las é justamente o quanto uma perspectiva é mais abrangente do que as demais e não apenas a apresentação de um ponto de vista.

Tendo por pressuposto as reflexões acerca do que constitui a filosofia de Nietzsche enquanto vontade de poder, tem lugar na segunda parte do livro a análise da problemática da moral. O ponto inicial dessa investigação se dá a partir da análise da crítica efetuada por Nietzsche aos “cientistas da moral”. Segundo Paschoal, tal crítica se desenvolve a partir de dois aspectos: a corriqueira subordinação dos filósofos a uma determinada moral e a ausência nas análises desenvolvidas por eles de um olhar mais amplo sobre a natureza da moral.

Diferentemente, Nietzsche se pretende um imoralista, alguém que mantém uma distância crítica em especial da moral socrático-platônico-cristã para poder efetivamente criticá-la. Tal procedimento, contudo, revela, por um lado, que nem toda ideia de moral é objeto da crítica de Nietzsche e, por outro, que também de sua crítica à moral pode-se apontar valores e proposições morais. Esta é a principal tese do autor: de que da crítica de Nietzsche à moral desprendem-se indicações de uma moral. No caso, uma moral afirmadora do homem e da vida e que não pode ser pensada como sendo para todos, mas como um meio de que o indivíduo pode lançar mão para a sua elevação.

Se é possível falar de uma moral em Nietzsche a partir de uma leitura de sua crítica à moral, isso se torna muito mais claro se for considerado que também o filósofo aponta um tipo de homem como ideal, em função do qual normas podem ser dispostas. Tal ideia parte do pressuposto inicial de que toda moral se faz em função da afirmação de um determinado tipo de homem.

Sob tal aspecto, contudo, para que a moral torne-se um meio para a elevação do homem e não para a produção de um tipo de homem fraco e doente, é necessário que a própria ideia de moral seja autossuperada. É necessário que se retome a própria ideia de moral como um meio de cultivo de tipos de homem e, nesse sentido, ressignificá-la para novas finalidades.

Como a crítica de Nietzsche à moral se dá especialmente em função do seu produto, ou seja, do tipo de homem que a moral socrático-platônico-cristã produz, um homem fraco e disposto em rebanho, o tipo que deveria advir da moral, entendida como aquela forma de cultivo, assinalada por Nietzsche como uma “moral do futuro”, seria um tipo de homem *destacado*,

o além do homem (übermensch), aquele que saberá lançar mão da própria moral como um meio de dizer sim a si mesmo e ao mundo.

Por fim, o texto de Paschoal revela que a crítica de Nietzsche à moral da compaixão não o torna avesso à moralidade em geral e que tal crítica não pressupõe a eliminação dessa moral. O que interessa a Nietzsche é muito mais o uso que se faz dela: “não se trata, nem de negar a moral, nem de propor uma equação que negaria uma moral para afirmar outra, mas de uma filosofia que parte da afirmação da moral presente e passada” (p. 178) para, num movimento, superá-la em direção a uma moral afirmadora do homem e da vida.

Recebido: 04/04/2010

Received: 04/04/2010

Aprovado: 12/04/2010

Approved: 04/12/2010